

Vulnerabilidades na fronteira entre Moçambique e África do Sul: “uma sombra do passado”?

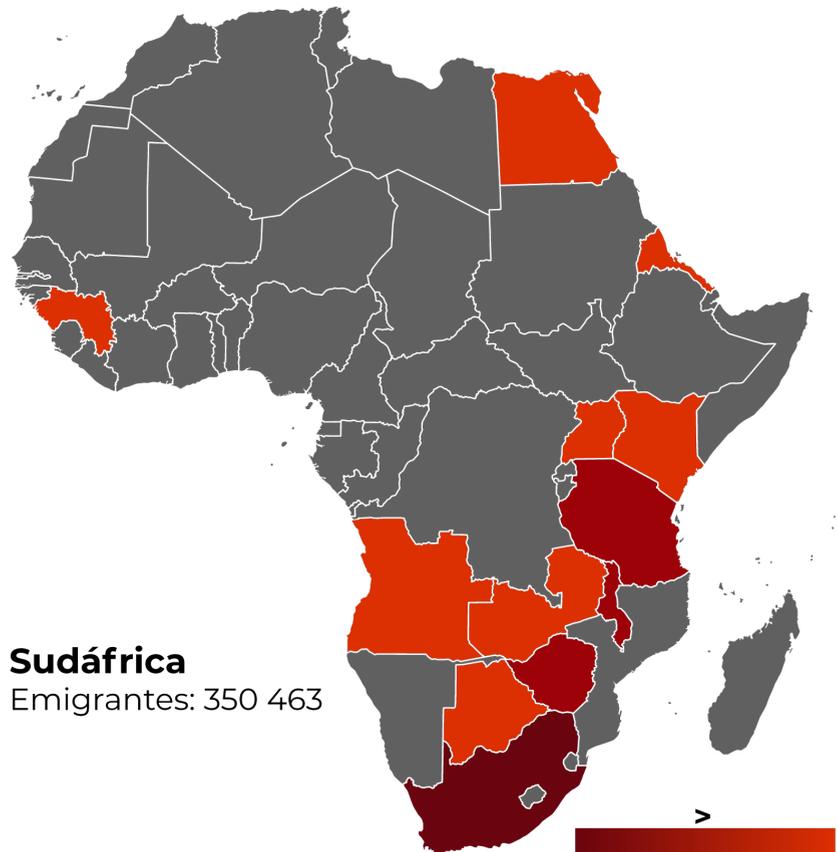
Paula Alfaiate da Luz

No ano de 1994, com a chegada ao poder de Nelson Mandela, a África do Sul pretendeu afirmar-se como a nation-arc-en-ciel, tendo como grandes obstáculos as fronteiras porosas e a imigração ilegal para que a mesma não se tenha afirmado na esfera internacional como a grande receptora de imigrantes.

“O Centro para a Democracia e Desenvolvimento, com sede em Maputo, denuncia os ataques aos automóveis que atravessam a fronteira entre Maputo e Durban e que causam avultados prejuízos aos cidadãos(...)”

Neste contexto, a segregação imposta pelo regime do Apartheid traduz-se em casos de racismo e conflitos contra outros povos, independentemente da cor, raça ou género. Tal facto poderá ter estado “camuflado” durante um determinado hiato temporal, mas os inúmeros acontecimentos dos últimos anos colocaram à tona uma “sombra do passado”. Disso é exemplo, segundo Solomon e Kosaka, o modo como a população sul-africana mais vulnerável define os cidadãos residentes no seu país, referindo-se aos moçambicanos e a outros imigrantes africanos negros como “kwerekwere”, “Amak-

Emigrantes moçambicanos por país de destino (2020)



wewre-kwere” ou “Amagrigamba”, o que significa “pessoas negras que não sabem falar a língua regional sul-africana”.

Esta conotação é promotora de uma maior hostilidade para com a população residente. Contudo, não podemos menosprezar as fronteiras territoriais e todo o passado histórico europeu, onde as culturas se enraizaram e ainda se mantêm nos dias de hoje (como é o caso dos territórios Tsonga e Zulu).

A Convenção de Moçambique, assinada em 1909 entre o governo português e o governo da África do Sul, permitiu que cerca de 100.000 moçambicanos

se tenham deslocado para o país vizinho com o objetivo de trabalhar nas minas de ouro e nos caminhos-de-ferro, o que tornou o país num destino que se manteve atractivo até aos anos 70. Esta tendência diminuiu na década de 80 devido ao apoio dado por Moçambique ao Congresso Nacional Africano (ANC) e à crise económica que assolou a África do Sul.

O facto de não ser signatária, até 1993, das Convenções da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização da Unidade Africana (OUA) sobre os Refugiados levou a que, até então, não fosse possível requerer o pedi-



Fonte: CIA.

cência sul-africana ao nível da política externa com impacto na diplomacia e na credibilidade junto da comunidade internacional. Mais recentemente, em 2022, o mesmo Instituto denunciou a dificuldade que existe para solucionar a corrupção policial entre estes dois países vizinhos, Moçambique e África do Sul, agravando uma possível colaboração das suas agências que operam no combate ao crime relacionado com os raptos que constantemente assolam estes dois países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

“Em 2019, o Institute for Security Studies reportou o quanto a imagem da África do Sul poderia sair prejudicada pelos constantes ataques xenófobos a cidadãos nigerianos, moçambicanos e do Malawi(..)”

Aliado ao já referido anteriormente, a Amnistia Internacional denuncia os denominados “grupos de vigilantes anti-imigrantes” e a própria polícia sul – africana por perseguirem os cidadãos oriundos de outros países, solicitando-lhes os documentos de identidade, como se estes “fossem criminosos, quando na realidade foram trabalhar de forma honesta, para puderem sustentar as suas famílias, face à situação precária que se vive em Moçambique”, como refere o cidadão moçambicano Salvador Valovi.

do de asilo, por parte dos refugiados ou imigrantes moçambicanos, assim como de outros cidadãos de países vizinhos (nigerianos, zimbabueanos, entre outros).

Como é referido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), esta constante passagem de milhares de moçambicanos para a África do Sul é descrita como movimentos migratórios circulares, com o intuito de trabalharem nos mais variados sectores (desde a agricultura, empresas de construção e de minério, indústrias até ao trabalho doméstico).

Como verificamos no gráfico e mapa abaixo, a África do Sul é o principal país de destino dos cidadãos moçambicanos, sobretudo pela proximidade geográfica.

Embora estas dinâmicas sociais possam contribuir para uma interação positiva entre os dois lados da fronteira, também têm impactos negativos no sentido em que muitos cidadãos moçambicanos trabalham em condições precárias, com acesso limitado à saúde. Alguns estão em situação irregular, o que os torna um alvo fácil ao nível da violência e da exploração e, consequentemente, do abuso e tráfico de pessoas.

Em 2019, o Institute for Security Studies reportou o quanto a imagem da África do Sul poderia sair prejudicada pelos constantes ataques xenófobos a cidadãos nigerianos, moçambicanos e do Malawi, o que obrigou os respectivos governos a repatriar os seus concidadãos. Também mencionou a displi-

O Centro para a Democracia e Desenvolvimento, com sede em Maputo, denuncia os ataques aos automóveis que atravessam a fronteira entre Maputo e Durban e que causam avultados prejuízos aos cidadãos, a nível particular e dos transportes de mercadorias. Isto leva a que a “justiça pelas próprias mãos” seja a solução encontrada, o que leva o Centro a acusar o governo moçambicano por não pressionar as autoridades sul-africanas para resolver o problema, que limita o direito à circulação e à propriedade e que chega à violação dos Direitos Humanos.

Perante esta insegurança constante, a rota pela Ponta do Ouro poderá ser colocada de parte, tendo como alternativa a via Suazilândia (Eswatini) para chegar a Durban.

Apesar de ambos os governos anunciarem medidas de cooperação para evitar esta situação catastrófica, as soluções tardam a chegar, o que limita a circulação entre os dois lados de uma fronteira dominada pela violência e controlada pelos novos actores não – estatais, os grupos criminosos.

A acentuar tudo isto, as fragilidades na ferrovia para o transporte de carvão e crómio até Moçambique são sobejamente conhecidas na região, o que leva a que as empresas necessitem de recorrer aos percursos por estrada. O mesmo acontece com o transporte de bens alimentares. No entanto, o ataque recorrente aos serviços de transporte leva a um aumento substancial no preço final dos produtos e a uma possível diminuição do acesso aos mesmos.

Perante este cenário, é curioso que se viajarmos aos fins de semana até à zona da Ponta do Ouro e Ponta Malongane, com facilidade nos deparamos com um convívio harmonioso entre estes dois povos, inúmeros automóveis com matrícula sul-africana e, inclusivamente, casas adquiridas nesta zona de Moçambique. Tudo isto nos leva a questionar que interesses instalados superam o bem-estar e o respeito pelos Direitos Humanos de todos os cidadãos.

Países	Emigrantes
Sudáfrica	350 463
Zimbabue	122 923
Portugal	80 570
Malauí	40 131
Tanzania	13 052
Eswatini	10 011
Reino Unido	6 092
Brasil	1 809
Espanha	1 615
Zambia	1 603

Fonte: ONU/ Datosmacro.com

Referências

- Amnesty International (2022). South Africa: Migrants living “in constant fear” after deadly attacks. Disponível em <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/04/south-africa-migrants-living-in-constant-fear-after-deadly-attacks/>
- BNN Bloomberg (2023). South Africa Export Route to Mozambique Shut as Violence Erupts. Disponível em <https://www.bnnbloomberg.ca/south-african-export-route-to-mozambique-shut-as-violence-erupts-1.1999997>
- Centro para a Democracia e Desenvolvimento (2023). Política Moçambicana: attacks on Mozambican vehicles in South Africa: Silence from the Mozambican government could precipitate acts of retaliation. Disponível em https://Attacks_on_Mozambican_vehicles_in_South_Africa_-_Silence_from_the_Mozambican_government_could_precipitate_acts_of_retaliation1.pdf
- Club of Mozambique (2023). Mozambican drivers avoid South Africa following attacks. Disponível em <https://clubofmozambique.com/news/mozambican-drivers-avoid-south-africa-following-attacks-lusa-233001/>
- IOM - UN Migration (2023). Mozambique crisis response Plan 2023. Disponível em <https://crisisresponse.iom.int/response/mozambique-crisis-response-plan-2023>
- Institute for Security Studies (2019). Can South Africa repair its image damaged by xenophobia? Disponível em <https://issafrica.org/iss-today/can-south-africa-repair-its-image-damaged-by-xenophobia>
- South Africa History Online (2021). Xenophobic violence in democratic South Africa. Disponível em <https://www.sahistory.org.za/article/xenophobic-violence-democratic-south-africa>
- Universidade Eduardo Mondlane (2012). O Mineiro moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão – de – obra. Disponível em https://sas-space.sas.ac.uk/4140/4/Mineiro_IV.pdf